

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL



Reflectindo



É evidente que a grande doença do nosso tempo, aquela que domina, em muitos aspectos, a vida contemporânea, é uma doença do espírito. É o espírito que está doente. Um exagerado intelectualismo substituiu o reinado da inteligência. O abuso do raciocínio substituiu a razão.

O mundo de hoje não criou uma moral, não criou um estilo. E, no entanto, nenhuma época da História dispôs de tão formidáveis instrumentos de renovação, de progresso técnico. Nunca foi mais vasta, mais poderosa, a ciência do mundo exterior. Nunca, material e socialmente, o homem foi maior. Também, nunca a sua vida espiritual foi mais frágil, mais inquieta e incerta. E é flagrante o contraste entre essa mediocridade dum moral social mecânica, dotada de fortes meios de influência e acção, e o secreto ideal, superior e individual, que é a verdadeira altitude do espírito.

O homem chegou à Lua, vai a caminho dos astros, perscruta e quase domina já as leis do Espaço, mas é cada vez mais dolorosamente impotente perante si próprio. Exaltado, esmagado, transportado pela vida exterior, o homem de hoje sofre de uma dilacerante ausência de vida interior. A civilização, automatizando o homem, mutilou-lhe a alma. E essa crise de consciência é a grande crise humana do nosso tempo.

Crise de consciência, afinal, que se revela em todos os domínios do sentimento e da acção. A ciência, reduzindo a criação humana a cifras matemáticas, a descobertas técnicas que atingem o prodígio da exaltação da matéria e do progresso físico, povoa o mundo de miragens, dum humanidade de fremente e agitada, que perdeu o pé na Terra e, espiritualmente, deixou o homem só.

.....
Ao lado do formidável avanço da Ciência, do desenvolvimento das relações humanas, da aproximação social e material dos homens, o caminho do progresso moral que molda a vida é nulo -ou quase. O homem persiste prisioneiro das superstições, das paixões, da agressividade de outras eras. Descobre e sulca espaço, melhora a saúde, aumenta o seu poderio na escala da Natureza e das suas leis, torna-se mais forte, mais rápido, mais consciente. Mas, na intimidade do Espírito, a libertação do homem e, portando, da Humanidade, continua tristemente lenta e contraditória. O homem cresce por fora -mas, diminui por dentro!

Esta crise da vida interior, ao lado da exarcebção da vida exterior, é o mais característico drama do Espírito e da Humanidade de hoje.

A disparidade entre a civilização material e a civilização espiritual marca, com o estigma da dispersão e da condenação, este mundo em que vivemos. Mas, nessa opposição de regras morais diferentes, a ausência, cada vez mais intensa, de "vida interior" no homem actual é o mais doloroso, porventura, o mais trágico aspecto. Cada vez menos ideais. E sem uma vida interior intensa e actuante a existência perde o seu sentido e a sua finalidade. Ei-la, a despeito de tantos sábios, de tantos êxitos humanos, de tantos salvadores, de tanto génio, de tantas avassaladoras experiências e quimeras - ei-la sem verdadeira direcção ou dimensão espiritual!

E, cada vez mais ameaçado e precário, num mundo hipertrofiado, o Homem vive cada vez mais enleado, mais orgulhoso e ambicioso, mais perto dos outros homens -mas morre cada vez mais desoladoramente só... Sem se encontrar a si próprio!

■ (Uma página de Augusto de Castro, em "O Mundo não começa amanhã")

**NESTE
NÚMERO**



Reflectindo 2
... do Sardoal antigo 3
Pode vir a acontecer-nos 3

O Bairro da Misericórdia 3
A ilusão do poder 4
Correspondência 4

conventual), o Padre-guardião daquela comunidade deve ter-se sentido em grandes dificuldades e embaraços, dada a pobreza e rudimentaridade da vida, no seu convento, habitado por um pequeno núcleo de franciscanos, do regime semi-mendicante.

De facto, os réditos próprios eram mínimos e em pouco mais consistiam para além das esmolas de missas e sermões. É certo que tinham fama, por léguas em redor, os frades-pregadores que, na altura faziam parte deste convento, pois entre a documentação que dele resta podem ver-se referências e pormenores que nos justificam esse juízo. Mas, a retribuição dos fiéis e o seu contributo para as despesas e encargos do culto externo que, como este, não fazia parte integrante da própria freguesia religiosa, foi sempre muito escasso e reduzido. E, tal como em outros lados se verificava também, este convento de frades, com seus Padres e Irmãos-auxiliares constituiu, durante largo tempo, uma espécie de "corpo estranho" incrustado na paróquia do Sardeal (S. Tiago e S. Mateus) e daí que tivesse de se circunscrever a uma acção pastoral bastante limitada, em grande parte sob a alçada do foro eclesiástico diocesano.

Retomando, porém, o fio interrompido: -o Guardiã do Convento, em presença daquela tão numerosa comitiva que de repente lhe aparecia, e consciente das suas precárias e modestas possibilidades de acolhimento, teve uma ideia luminosa. Assim, mandou pedir à Misericórdia que lhe valesse, emprestando-lhe alfaias e utensilagem de cozinha e copa, bem como roupas de cama e "... outros aprestos adequados e convenientes ao fim em vista" -o qual era de poder dispensar um mínimo de comodidades aceitáveis, nomeadamente aos oficiais e subalternos categorizados. Quanto aos soldados, por impossibilidade absoluta de outros cómodos, ficavam alojados em camaratas improvisadas nos claustros do rés-do-chão e primeiro andar e por arrecadações e lojas disponíveis. Para os oficiais se reservaram as celas dos franciscanos -e, segundo uma tradição oral (porque, neste ponto, os documentos são omissos) os frades foram pernoitar no coro da Igreja anexa, de Santa Maria da Caridade, onde dormiriam vestidos, por respeito à Casa do Senhor!

Sucedeu, porém, que o comandante da força militar, ao saber das diligências do frade-Mestre junto da Misericórdia, muito delicadamente se escusou a toda a pompa e ostentação, determinando igualmente que os seus oficiais utilizassem os catres simples das celas dos frades, com o mínimo possível de atavios e comodidades pessoais.

Por outro lado, resolveu ainda só se servir da despensa do convento no estritamente indispensável. E, fez mais: do município alimentar das tropas retirou todo o necessário para a subsistência dos militares a seu cargo e dos próprios religiosos, durante esses dias. Intencionalmente, esqueceu os preceitos do "aboletamento" que obrigavam as famílias ou Instituições onde, por necessidades de exercícios ou manobras militares, os soldados ficavam alojados, a proverem ao seu integral sustento e acomodação. E, quando algum tempo depois, as forças retiravam, mandou deixar nas arcas da despensa conventual todos os mantimentos sobrantes, para ajuda à comunidade.

Não obstante, porém, deverá ter ficado particularmente reconhecido e sensibilizado aos frades do Sardeal pela hospitalidade de que haviam dado mostras. Com efeito, uma velha tradição da terra refere que, em tempos idos, quando a "tropa" aqui passava, para manobras ou em outros deslocamentos afins, o comandante da coluna ordenava que se fizesse alto junto às escadarias do Convento e ia sempre, pessoalmente, cumprimentar o Guardiã. Não será arriscado inferir-se que tão invulgar gesto de cortesia haja surgido a partir daquele aboletamento -não por se tratar do primeiro de que ficou memória escrita mas por ter sido o que maior impacto viria a deixar no historial do Convento.

E de presumir, também, que o oficial-comandante dessas forças não fosse aquele mesmo, em algumas das vezes, mas o "testemunho" iria passando de uns a outros e a gentileza foi continuando, ainda por largos tempos, sempre com grande admiração e pasmo das gentes de Sardeal.

- M.

A ILUSÃO do PODER

Plenamente de acordo que as populações lutem pelo seu desenvolvimento e pelo seu progresso, porque isso é um positivo sinal de vitalidade, que, infelizmente, não se topa em muitas terras, onde o marasmo, o indiferentismo é uma espécie de anátema são o Inglório «modus vivendi» de tanta gente. Aquele sentimento, que se denominava bairrismo e que hoje é tão combatido por certos sectores, que vêem nele um sinal de retrocesso, quando se procura ser cidadão do mundo, fez coisas extraordinárias através dos tempos. E vai voltar a fazer, porque o fortalecimento das autarquias concelhias e de freguesia, embora não pareça, vai reacender o bairrismo, com todos os seus grandes benefícios e alguns dos seus defeitos.

Bairrismo ou amor à terra, como se queira, deve, no entanto, não ser sinónimo de prepotência ou anarquia, porque então tudo se perde na voragem de uma consciência mal esclarecida e geradora de conflitos indesejáveis, na medida em que prejudicam as próprias terras, desfleam-nas aos olhos dos estranhos e atingem inocentes que nada têm a ver com os problemas que se levantam.

Assim não pode ser. Aonde vamos parar?»

É realmento caso para perguntar: aonde vamos parar, se queremos impor pela violência as nossas reivindicações, por mais justas que elas nos pareçam ser?

Correspondência

As limitações de espaço não nos permitem, ainda, abrir esta secção, onde gostaríamos de abordar algumas questões que, frequentemente, o Correio nos traz, a respeito do "Boletim".

Não deixaremos, porém, de escrever pessoalmente a todos, enquanto essa impossibilidade se mantiver.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Edição e Propriedade da Misericórdia de Sardeal - 2230 SARDOAL

Nº 9

Abril de 1984

(Distribuição gratuita)

Publicação mensal

...do SARDOAL ANTIGO

Ano da graça do Senhor de 1801. No Convento de Santo António, em Sardoal, onde a Vida decorre, por norma, tranquila e calma, voltada só para o trabalho e a oração, recebe-se no domingo, 23 de Agosto, um estranho comunicado dos serviços do Exército, para que nas suas instalações seja dada guardida e apresentada a um contingente de 80 militares, aproximadamente.

É uma requisição em estilo formal, à boa maneira militarista, simultaneamente objectiva e autoritária: "... a impossibilidade de acantonar nesta Vila (...) uma das Companhias exige que V. Rev.^a se preste a dispor do seu Convento para esse efeito".

Linguagem incisiva, como se vê, e não deixar alternativas para contrapor; radica-se na força da Lei vigente e, para mais, é "... a bem do Real Serviço de Sua Alteza"! Terá, portanto, que ser atendida, sem delongas nem tergiversões.

M. A. B. G. Guardião do Convento de Santo António de Sardoal

Assim sendo, a V. Rev.ª se preste a dispor do seu Convento para esse efeito, para que possa ser recebido e alojado o contingente de 80 militares, a bem do Real Serviço de Sua Alteza, e para que se possa dar a devida assistência aos mesmos, e para que se possa dar a devida assistência aos mesmos, e para que se possa dar a devida assistência aos mesmos.

Des.º de V. Rev.ª de 23 de Agosto de 1801

1 Capelão
2 Alarifes
12 Infantes
58 Soldados
73 a bo.º para

*De João Maria
M. A. B. G. Guardião
Antonio Antonio Bonardo de Almeida
Maj.º Gen.º de S.ª Maj.º de S.ª*

Mas, vendo bem, embora a larga distância no tempo, em todo este processo tão simplista talvez esteja subjacente uma mistificação encoberta. Realmente, não é crível que o oficial-comandante se dirigisse, por escrito, desta forma algo abrupta, ao Guardião do Convento, solicitando-lhe aboletamento para os seus homens sem que, previamente, não tivesse havido um contacto directo e pessoal, nesse sentido. Tal dedução emerge como natural e legítima dado que o officio em causa é datado de Sardoal e não de Abrantes (onde o regimento respectivo estava sediado) e, por outro lado, nele se não indica nem especifica, vagamente sequer, o dia ou dias para que se pretendia tal concessão. Além disso, parece curial que, sendo o pedido oriundo desta Vila e entregue por mão (como se verifica pelo endereço, que mostra não haver transitado pelas vias postais) as tropas já deveriam estar acampadas aqui na zona - e a carta mais não representou, seguramente, do que um mero formalismo pragmático, dando a indispensável cobertura burocrática a negociações anteriores, desenvolvidas em nível pessoal.

O Convento franciscano veio, pois, a constituir, nessa altura um mini-quartel, onde se alojou aquele contingente militar, cujos efectivos, em números redondos, correspondiam senhivamente a dois batalhões actuais.

Diversos elementos indicam ter sido a primeira vez em que os frades se viram compelidos a um aboletamento, quase forçado. Mas, não viria a ser a última. Na realidade, até 1834 (ano em que uma Lei, tristemente célebre, de Joaquim António de Aguiar expulsou todas as Ordens Religiosas dos seus conventos e abadias) ainda o velho mosteiro e suas dependências voltaram a servir, mais vezes, de quartel improvisado, durante manobras e exercícios militares na zona. Foi, somente, com a transferência do Hospital da Santa Casa da Misericórdia para as suas instalações, no rescaldo daquela perseguição religiosa que tais facilidades vieram a cessar. Quando, nessa altura, foi mandada fazer uma limpeza e desinfecção cuidadosas à cisterna que se encontra sob o pavimento térreo, parcialmente entulhada, encontraram-se no fundo do depósito diversas balas, cápsulas e espoletas, bem como mechas e morrões de peças de artilharia, que mostraram pertencer a vários estádios na evolução do armamento - pelo que deveriam corresponder a épocas diferentes de ocupação das instalações.

No referido aquartelamento de 1801, a que nos vimos referindo (sob o apoio, aliás, de notas manuscritas do espólio

(Continua na 4.ª pág.)

Pode vir a acontecer-nos!

Má cerca de duas ou três semanas, num programa difundido pela radiodifusão (antiga emissora nacional), foi abordada a situação da saúde e dos hospitais em Portugal, tocando-se considerações pessimistas quanto à saúde que (não) temos e unidades hospitalares que não possuem (em número regular e eficiente).

Das pessoas que deram o contributo ao programa, particularmente, doentes, médicos e enfermeiros, convém fazer ressaltar as afirmações do dr. Lino Ferreira, bem como outras afirmações que ao longo do presente artigo não esquecerá de mencionar. AFirmava o dr. Lino Ferreira, que exerce funções no hospital de S. José em Lisboa, -tôut court: -a medicina que se pratica hoje, em Portugal é de 1920-. Evertando friamente a situação de saúde no nosso país, afirmou a dado passo que -os hospitais que temos são o reflexo do país que somos-.

Hospitais deteriorados, falta de material, falta de pessoal auxiliar, inexistência de urgências eficazes, burocracia administrativa, falta de camas e excesso de enfermos em unidades hospitalares, tal era o -tocar na ferida- de um médico que, -tolens tolens-, contra ele próprio falava depois de constantemente se ver assediado por situações afilivas. Reconhecia do mesmo modo, que nas urgências do banco hospitalar onde trabalha, pessoas necessitando de serem observadas urgentemente, só eram decorridas, tantas vezes, 4, 5, 6, 7 e 8 horas! Tudo isto corroborado pelas afirmações de enfermeiros, de doentes e familiares dos mesmos.

Neste programa radiotónico chegou-se a afirmar que doentes eram esquecidos atrás das portas, ou em partes escondas de um sistema sclerosado. A dado passo, Lino Ferreira, afirmaria, que para poder ser melhorado, minimamente, o sistema de cuidados, bastaria que das centenas e centenas de doentes, estas fossem reduzidas a metade sendo distribuídos por outras unidades hospitalares que não existem, é certo, mas que seria mister construir.

É claro que os eventuais curvinhos deste programa, quer porque já tiveram doentes nestas unidades hospitalares, quer porque sentem esta realidade, impotentes e revoltosos, gostariam de ver uma certa humanização na medicina e nos cuidados deste país. Eles sabem e sentem, laço sim, que se alguns ministros estiverem doentes têm os melhores médicos e as melhores clínicas de luxo, contrastando com o socialismo apregoado pelos mesmos.

Outro médico, dr. Rangel (Urologia), afirmou no decorrer de declarações prestadas ao mesmo programa, que o absurdo é este: falta de material endoscópico, ferros apropriados e linhas de sutura nas operações... A miséria decaiu a este nível. O próprio dr. Rangel tem de trazer de casa essas linhas de sutura, quando as possui. E quando não existem? Ou não se fazem as operações ou fazem-se sucedâneos e arremedos de operações!

Sem comentários.

A afirmação de Lino Ferreira de que -a medicina que se pratica em Portugal é de 1920- vale como uma denúncia grave, um dedo acusador, um libelo, ao mesmo tempo, libélido e pungente para quantos crânicos têm passado por este país. Porque os métodos que vão para as forças armadas divertem-se canalizados para a construção de unidades hospitalares dotadas com os indispensáveis apetrechos!

— ANTONIO C. GAVAILA MIGUEIS

O BAIRRO da MISERICORDIA

A urbanização do Bairro continua a aguardar que a Câmara seja capaz de cumprir a promessa feita à Assembleia Municipal, quando apresentou o Orçamento e plano de trabalhos para o ano corrente. Com efeito, aí ficou exarado que tais obras começariam em Fevereiro, para estarem terminadas no mês de Junho.

Mas, não é muito de acreditar que tal venha a suceder!

Mesmo, com todo o grande respeito e consideração que a Autarquia nos merece.